

A VELHA GUARDA

ORÇÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Redactor principal:

AGOSTINHO FERNANDES ROCHA

Administrador: FRANCISCO GONÇALVES DA CUNHA

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Redacção e Administração: Rua Elias Garcia, 46. — Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

O patriotismo dos traidores

Numa linguagem enfastiosa e nauseabunda que causa indignação a todo aquele que sente orgulho de se chamar português, eles, os germanofilos, os traidores da Patria, referem-se, com acentuada intransigencia e demasiada reprovação á entrada de Portugal na grande guerra das nações, no proposito unico de manchar e denegrir a Republica que com tanta generosidade os tem beneficiado. De tudo se servem para tal fim. Do nome mesmo daqueles que deviam proteger e poupar e da dignidade de pessoas consideradas e de alto criterio. . . Do futuro do povo que tão revoltadamente os admira e da situação da Patria que desejam perder. E' revoltante e espantoso! . . .

O que mais nos admira e irrita é — ó! suprema audacia! — quando, falando acerca da trasladação dos restos mortais dos dois soldados desconhecidos para o mosteiro da Batalha, declaram, numa furia integralista, com desafecto e rancôr que esses restos hão-de ser o fantasma que provará ás gerações vindouras os erros e a má obra dos governos republicanos. Que desafôro e que canalhismo!

Dão-nos a entender, com isto, a falta de amor e dedicação á Patria que na hora presente, precisa de todos os seus filhos. Mostram que fazem parte ainda da estirpe miseravel de bandoleiros e facciosos que durante o periodo da trauitania tantas façanhas criminosas cometeram, os continuadores da obra do grande morto, iniciador da campanha genuinamente germanofila, desentredada e tórpe que causou a admiração geral.

Eles são os mesmos que durante o tempo que decorre de 918 a 19 bradavam, cobardemente, «abaixo a guerra», enquanto que os heroicos soldados se batiam em França e Africa, extenuados e fátos de lutar sem haver alguém que os auxiliassem. Não contentes ainda com essas ridiculas e revoltantes atitudes, julgam-se com o direito de, lançando mão do que ha de mais sublime na nossa obra, calcar e deprimir o regimen que defendemos.

Enganam-se, e enganam-se rondadamente, quando afirmam que as cinzas desses heroicos soldados, vindos dos campos de batalha, quais fantasmas indignados, mostrarão ás gerações futuras os erros dessa obra.

Não! . . . Tal não sucederá. Quando alguém, de visita ao historico templo da Batalha, ao encontrar-se diante do tumulo onde repousam as ossas desses soldados que representam todos

os herois que se sacrificaram em defeza da Patria, ha-de, imprete-rivelmente, ajoelhar e louvar a acção profundamente grande, imensamente bela, a maior e a mais bela de todas que a Republica tem, que o mundo inteiro aplaude e de que todo o bom português se orgulha.

Depois então o seu pensamento ha-de seguir, sem duvida alguma, até ao campo da guerra e a sua fantasia pintar-lho-ha essa sangrenta batalha onde tantos martires ficaram.

Com as lagrimas nos olhos e alegria no coração, em frente da-quele tumulo de herois julgar-se-ha um herói tambem, e relembra-rá essa manhã nevoenta de abril, manhã de heroismo e sangue, em que todos eles, expostos ao fogo da metralha inimiga e ao retum-bar do canhão numa luta infrene de corpo a corpo, combatiam pela Civilização, pelo Direito e pela tranquilidade mundial.

Mas não pensam desta forma os negregados bandidos da Patria, os amigos declarados da Germa-nia. . . Servem-se de tudo isto para adquirir adeptos á perda da causa que os norteia. Pelo con-trário, em vez de os ganhar criam inimigos, quando se referem a factos verdadeiramente importantes como este que a todos indignou.

Deixemo-los falar á vontade. Desprezemo-los.

As pessoas sem consideração e conhecidas por traidoras não se dão ouvidos, e quando se escutam sente-se a indignação crescer no peito.

Olhem-os attivi e desdenho-samente; arredemo-los com a ponta do pé quando á nossa frente se collocarem e exclamemos bem alto, como o lendario Nazareno quando pregado no madeiro do seu sacrifi-cio:

— Perdão, perdão para os parvos porque não sabem o que dizem.

RUI DE PORTUCALIS.

Conhecem-no?

Das terras do bom verdasco, Corrido como um rafeiro, Veio um dia aqui parar O nobre doutor Laveno.

Teve a sorte a bafejá-lo. Pois faz tudo quanto quere... Engaçado figurão! Erudito La ma mère!

Alma bela cór de pez! Generoso coração! Queres ser tu o rei dasneira, Rei da palha e do... fajão?

X. Y. Z.

Só a morte os ha-de desenganar

E já passado bastante tempo, mas a nda ha bem poucos anos que uma corrente composta de rífilistas e fanaticos se revoltou contra o dr. Afonso Costa, numa campanha de odio ferino e frenetico. Attribuindo áquele eminente estadista a culpabilidade, não só da nossa intervenção na guerra europeia, mas tambem de algumas leis postas em vigor depois da proclamação da Republica, tais como a Lei da Separação e da expulsão dos jesuitas.

Já é tempo, miseraveis, de acabar com esses freneticos odís. Hoje, infelizmente, ainda ha muitos analfabetos e criaturas que, sem o serem, mas dominadas por uma corrente de hypocritas e safectos ao novo regimen, que ignoram que a Inglaterra nos pediu a nossa intervenção na guerra.

Pois ainda ha bem poucos dias, nessas homenagens prestadas aos Soldados Desconhecidos, esses hypocritas deviam ver bem que a razão o provou e os factos o demonstraram.

A intervenção de Portugal na guerra era um dever que se impunha, não só para cumprir o pedido feito pela nossa velha aliada, mas tambem para lhe pagarmos os esforços por ela empregados em defeza de Portugal, quando Napoleão tentou apoderar-se do nosso país.

Ainda em qualquer canto de Portugal apparecem ignorantes a dizer que a guerra só veio desde que foi proclamada a Republica! Como quem diz: é a esta a quem se tor-nam todas as culpas.

Miseraveis! Miseraveis aqueles que só vêem dois dedos adiante do nariz.

Quem seria que originou ás guer-ras que tem havido nos ultimos se-culos? Seria, por acaso, o dr. Afonso Costa ou a Republica quem as promoveu? Não, não foi!

Essas guerras que a historia portuguesa conta em varios reinados, não foram promovidas pela Republica nem pelos republicanos, mas pelos vossos antepassados, deixando-vos aquella herança bem entranhada no peito, para assim continuardes por meio de conspiratas, a encaminhar para o abismo a patria que vos foi berço?

Dizeis que a Republica só tem continuado a empenhar a nação?

E o que fez a monarchia? Porque não dizeis tambem que foi a Republica ou que foram os republicanos que empenharam a nação naquelles milhões que se deviam á Inglaterra, antes do reinado de D. José I?

Não foi o grande Marquez de Pombal quem trabalhou incansavelmente para ver o seu país livre de dvidas, deixando, á sua morte, anda um saldo de 48 milhões de cruz dos no tesouro e 30 milhões no cofre das decimas?

E que recompensa teve esse grande Ministro, depois de tanto se sacrificar em benefício da sua patria?

Foi acusado de muitos crimes atrozes e sofreu a condenação que lhe foi imposta por uma rã nã piedosa!

Ah! Se todos pensassem bem no passado e não olhassem só para o presente, não se ouviriam tantas

asneiras de certos aldeãos, como muitas vezes se ouvem.

Se a Republica separou a Igreja do Estado, não foi para interromper as crencas religiosas de ninguem.

O artigo 3.º da Lei da Separação, apenas diz que ninguem pode ser perseguido nem perguntado acerca da religião que professa.

Desta forma se vê que a Lei da Separação simplesmente estabeleceu a liberdade de crencas e nada mais.

Se a expulsão dos jesuitas foi um facto, as circunstancias a sim o exigiram. Era preciso expulsar da terra os escarunchos daninhos que esgotavam toda a seiva das searas, das promotoras e belas florações do futuro.

Para salvar o porvir, salvar a infancia e o berço, a esperança e a vida de amanhã, era preciso que as nossas gerações não viessem no tremendo pezadelo da iniquição a que estiveram sujeitos os nossos antepassados.

Domingos Pereira Pinto

Mais uma...

A Republica, num amplexo generoso e altruista, acaba de transigir com os seus irreconciliaveis inimigos, decretando a amnistia. Ela foi como uma esmola e não como uma expressão de fraqueza — porque a não há; foi restituir o marido á esposa e o pai aos filhos. E' mais um gesto cheio de nobreza de sentimentos e de piedade que o povo republicano poz em pratica, na bela esperança de reconciliar a familia portuguesa.

Oxalá que estes calculos não saiam errados. Oxalá que os inimigos fígadais da nossa bem-amada Republica se compenstrem dos seus deveres de cidadãos e de portugueses que desejam o bem estar geral. O caminho de Monsanto foi-lhes vedado por uma torrente de sangue dos corações benignos, verdadeiramente patriotas que formados numa barreira insuperavel, souberam defrontar-se com o perigo imminente que corria a Pátria e a Republica!

As baionetas que luziram ao sol da batalha, empreendendo a jornada gloriosa de 25 de Janeiro de 919, acabam agora de se meter nas bainhas de onde saíram novamente, se preciso for, para a defeza das causas nobres e justas.

Abateram-se os pendões das rivalidades? Pois bem. Que tomem bem a lição, assaz rigorosa que os levou aos cárceres e já mais pensem em derrubar uma «causa» que vive e impera na alma nacional cuja fé brilha de intensidade no momento presente. Que se convençam que a Republica é um facto no nosso país. A paciencia esgota-se, e quem lhes garantirá que amanhã, ao estrondear de canhão e por entre o fumejar das armas em fogo, não

serão arremessados para a vala da sepultura em vez de para o Aljube ou para as Penitenciarias?

Está provado que a Republica tem usado de meios benevolos, mas pode dar-se o caso de o re- portorio estar esgotado e de novos processos serem aventados para punir os infames e os canalhas turbulentos! . . . Cuidado, snrs, conspiradores! Tenham em vista que muita gente expia, inocente, o vosso crime de janeiro de 919; tenham em vista que se dessa vez a hipocrisia de um nunc'Amado soube ludibriar a boa-fé dos officiais e sargentos do R. I. 20, amanhã não sucederá outro tanto.

Cuidado, pois; toda a precau-ção será pouca, ouviram? O tempo das condescendencias já lá vai; os republicanos não estão dispostos a abandonar as suas casas e as suas familias para irem passar horas de verdadeira amargura, vagueando ao acaso . . . como o judeu errante. Não. Isso acabou.

E que os republicanos de todos os credos se unam em volta de um só Simbolo — a Democracia! Que a união de todos seja um facto, ao regressar á actividade politica o eminente estadista, o grande tribuno e ilustre caudilho da Republica, dr. Afonso Costa — uma gloria da nossa Terra que a immortalidade ha-de legar aos pósteros desta Pátria que foi grande no seu poderio de outrora, e grande ainda na Raça e na Historia.

Curvemo-nos reverentes ante a figura respeitavel e augusta do fundador da Democracia, do vultoso supremo da Republica!

Ouçamos a sua palavra autorisada, quente e vibrante que contém sempre simpaticas lições e gritemos com ele: Viva a Republica! Viva a Democracia!

H. T.

O regresso do Sr. Dr. Afonso Costa á actividade politica

Diversos boatos tem vindo a publico, relativamente á situação e attitude do sr. dr. Afonso Costa, em face da politica portuguesa. Diziam e davam a entender certos desses boatos que o illustre republicano se afastara dos negocios publicos do seu país, ou que, se esta hipotesis não se realizasse, em virtude de circunstancias superiores, exigindo a cooperação do seu patriotismo e do seu prestigio, nunca o sr. dr. Afonso Costa assumiria a natural chefia do seu partido, antes se dava como certo, em tal caso, que em volta do sr. ox.º se organizaria um novo agrupamento politico.

Informações que temos por seguras, e que, por isso, não poderão ser idoneamente desmentidas, dizem coisa muito diferente. Nunca o sr. dr. Afonso Costa recusaria o seu concurso, no caso de, em qual-

PRIMAVERA

À Mademoiselle Celeste Pimentel Torres

Refulge o sol, altivo em seus ardores,
Num céu d'anil, sereno, imaculado,
Iluminando o solo matizado,
Cheio de vida e luz, de viço e flores!...

Tudo na Natureza são encantos:
Nos campos, mil florinhas variegadas,
De imensas côres, belas, perfumadas,
Em mistura de risos e de prantos...

Dos montes vem um cheiro a rosmaninho;
As aguas dos ribeiros correm mansas;
Juntam-se nos caminhos as crianças
E o rouxinol gorgeia no seu ninho...

Conta o pastor seu canto preferido
E a risonha zagal que vem da fonte;
Balem as ovelhinhas pelo monte,
Em demanda do aprisco apetecido...

E como as aves em subtis gorgeios,
Ouvem-se as lavadeiras pelo rio,
A sorrir e a cantar ao desafio,
Seguindo o compassar dos niveos seios...

Revestem-se os jardins de lindas flores,
Em espasmos d'amor e de delirio,
Castas e altivas como a rosa e o lirio
Num conjunto de graças e de côres...

Ha perfumes na veiga e no valado,
Reina a alegria e a paz em todo o lar,
As noites são serenas e o luar
Lança á terra o seu brilho imaculado...

Dias alegres, claros, perfumados,
Estes da encantadora primavera!
Tempo do amor, do sonho e da quimera
Que sorri, num enlêvo, aos namorados!...

Tudo ri... só eu choro pois não sei
Como acabar o meu tormento imenso,
Só eu, meu Deus! é que medito e penso
Naquela primavera que sonhei!...

S. Martinho de Joane, Primavera de 1921.

DOMINGOS RAMOS.

quer circumstancia grave, ser elle exigido pelos supremos interesses nacionais. O illustre republicano afastou-se, naturalmente, da politica activa interna do pais, porque a isso o obrigavam os trabalhos importantes, e de toda a hora, nas conferencias posteriores á guerra, mas seguiu sempre, com attenção e curiosidade patriótica e republicana a marcha dos acontecimentos politicos, e nunca se desinteressando, contrariamente ao que por vezes constava, da vida partidaria do P. R. P.

Se um dia os interesses do pais e da Republica exigirem claramente o seu regresso á actividade politica, o sr. dr. Afonso Costa re tomará o seu antigo lugar no P. R. P., como uma das individualidades de maior destaque desse agrupamento partidario. Nada disto destroe o que s. ex.^a respondeu ás commissões politicas que ha dias o procuraram e que pelo «Social» foi noticiado. Mas as nossas informações, obtidas em boa fonte, esclarecem os desconhecidos pontos que ultimamente correram a tal respeito.

Tudo isto é uma grande surpresa para nós. Estavamos persuadidos de que o sr. Afonso Costa, voltando á actividade politica, ingressaria em qualquer dos partidos dessas sumidades nacionais que dão pelo nome de Alvaro de Castro ou Domingos Pereira, e que não quereria saber mais do esfarrapado Par-

tido Republicano Português. Como a gente se enganava! Como estarão afflictos os dominguistas cá da terra!

De um sabemos nós que, de barriga sempre a dar horas, esfalfa o que resta no bostanto a estudar a maneira de voltar para cá, engroaiando-nos com mil juramentos de que enquanto por lá andou foi só para melhor poder trabalhar a nosso favor! Iamos jurá-lo!

A pacificação

Sob esta epigrafe transcrevemos do nosso prezado collega portuense «O Norte», a seguinte local:

«Foram apreendidas em Lisboa a «Monarquia» e a «Monarquia Nova».

Cartões de agradecimento ao sr. Jacinto Nunes e aos outros... ingennos.

E pratos na cara da Republica, que não tem feito outra coisa senão levar com os pratos na cara. Preparemo-nos para... ontra.

Vai sem comentarios.

Noticiario

José Maria do Souto

Tem passado melhor dos seus incomodos de saúde este nosso prezado amigo e vereador municipal tendo já retirado do Hotel da Penha, onde se encontrava em tratamento.

Do coração estimamos o seu completo restabelecimento.

Leão Martins

Encontra-se entre nós, de visita a sua familia, o nosso prezado amigo Antonio de Araujo Leão Martins, digno aspirante de finanças da inspecção do Porto e distinto poeta vimaranense.

Abraçamo-lo affectuosamente.

José de Oliveira Meira

Tem estado gravemente doente este nosso amigo e correligionario e considerado negociante da nossa praça.

Fazemos votos sinceros pelas suas rapidas melhoras.

VELHARIAS

VIMARANENSES NOTAVEIS

El-rei D. Afonso Henriques

(CONCLUSAO)

A sua magnanimidade singular e piedade vivissima gravou-as o nosso illustre patricio em caracteres arrojados e perduraveis nos vastos mosteiros de S. João de Tarouca, de Santa Maria de Alcobaca, de Santa Cruz de Coimbra e de S. Vicente de Fora, que fundou e enriqueceu com amplas doações, fazendo ao mesmo tempo engrossar as rendas de outras muitas igrejas e conventos de fundação sua, cujo numero dizem alguns escritores que excedera a cento e cinquenta. Teve particular attenção em illustrar a insigne collegiada de Guimarães que foi sua capela real, bem como a de Alcobaca em Santarem. Levantou muitos hospitais e outras casas de caridade, restaurou as catedrais de Lamego, Vizeu, Epora e Lisboa, a quem poz os primeiros bispos. Instituiu as ordens militares de S. Bento de Aviz e da Ala que não durou alem da sua vida; admitiu no reino a de S. Tiago da Espada, e deu largas rendas ao cavalariros templarios e aos do Hospital de S. João de Jerusalem.

Depois da ultima façanha alcançada contra o Miramolim de Marrocos sobreveio ao incansavel heroi uma prolongada enfermidade, da qual falleceu a 6 de Dezembro de 1185.

O seu corpo foi sepultado no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra em humilde monumento, que el rei D. Diniz principiou a ornar e D. Manuel tornou magnifico, nas paredes da capela-mor do mesmo mosteiro. Todo o portuguez o chorou, como restaurador da sua liberdade, fundador da monarchia, pai da patria, modelo de reis, terror de inimigos, coluna da Igreja lusitana. Como tal, querem alguns escritores, exaltando a sua piedade e virtudes, honrá-lo com o titulo de santo, sendo neste sentido tenta-

da por mais que uma vez a sua beatificação. Dêstes tentamens, como pouco conhecidos, darei breve noticia, extraida dum notavel e curiosissimo trabalho do meu irudito mestre e indefesso investigador Pereira Caldas:

Em 1556 tratou o prior de Santa Cruz de Coimbra—com os conegos do Mosteiro—de promover, «curialmente», a beatificação de D. Afonso Henriques, fazendo as «provanças» do estilo, com autorisação do bispo-conde Dom João Soares e com a protecção de el-rei D. João III. Já não era esta a primeira tentativa, porque nas anteriores, promovidas sem as «provanças» do estilo e sem a protecção real, nenhum deferimento se havia obtido em Roma a tal respeito. Tinham sido sempre os conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra, enviando á capital pontificia alguns religiosos grados, os que mais dedicadamente se empenharam nestas tentativas. No entanto a mesma improficiência que os malfadara então, veio a malfadar ainda estas tentativas do seculo XVI. O que não deixa de ser singular, no meio da inacção de Roma, é o alvitre, a este respeito, vulgarizado entre os monges de S. Jeronimo de Alcobaca e os conegos de Santo Agostinho de Santa Cruz de Coimbra. Num mosteiro e noutro girava composta uma «comemoração de bemaventurado» em relação a D. Afonso Henriques—com antifona, verso, responso e oração—como se a Igreja o houvesse catalogado na lista dos santificados.

Em 1728, ano em que o «Aparato Historico»—livro do padre José Pinto Pereira, sobre a santidade de D. Afonso Henriques—fôra publicado em Roma, sendo então oferecido á santidade do Papa Benedicto XIII e á magestade do nosso rei D. João V, activaram-se de novo os trabalhos neste sentido. No entanto até hoje nada de definitivo.

Em 1752 tornaram-se a activar ainda de novo em Roma alguns trabalhos analogos. Lêem-se mencionados na «Gazeta de Lisboa» de 1753, n.º 1 de 4 de janeiro, nas seguintes palavras: «Na villa de Guimarães se ajuntou a Academia Vimaranense no dia 6 de dezembro, anniversario do fallecimento do veneravel e santo rei D. Affonso Henriques, natural da mesma villa; e applaudiu com eloquentes discursos, e discretas poesias, a noticia de se tratar em Roma da sua beatificação».

Mas apesar de tão repetidas instancias ainda é licito duvidarmos da santidade do nosso mais illustre patricio.

(Extraido do livro «Guimarães, do Padre Caldas».)

ANUNCIOS

ARREMATACAO

No dia 2 de Maio proximo, pelas 12 horas, na sala do tribunal judicial, desta comarca, sito na rua do Gravador Molariinho, ha-de proceder-se á arrematação de fornecimento de sustento dos presos indigentes das cadeias desta cidade, durante o ano economico de 1921-1922, cujo ramo será entregue a quem por mais baixo preço fizer. As condições acham-se patentes durante o mês corrente, na Delegação da Procuradoria da Republica, todos os dias uteis, desde as 10 ás 16 horas, e os concorrentes deverão dirigir as suas propostas em carta fechada ao Delegado do Procurador da Repu-

blica desta comarca, tendo exteriormente apenas a designação do fim a que se destinam e devem ser entregues até ás 16 horas do ultimo dia util deste mês.

Os proponentes, para serem admitidos ao concurso, deverão, antes da sua abertura, perante a autoridade que a elle presidir, depositar uma importancia não inferior a 420.000 esc. ou apresentar pessoa idonea como fiador e principal pagador. O concorrente a quem fôr adjudicado o fornecimento apresentará, na occasião que fôr lavrado o contracto, fiador idoneo e principal pagador, que garanta o exacto cumprimento do mesmo contracto, levantando nêsse momento, o deposito feito para o concurso.

Guimarães, 1 de Abril de 1921.

O Delegado do Procurador da Republica,

Americo de Freitas Coutinho Maltez.

Alviçaras

Dão-se a quem entregar um anel antigo, em ouro cinzelado, com um brilhante cravado em prata. Pode fazer entrega ao administrador deste jornal.

Tijolo para construções

Telha franceesa

Cimento e ardósias

Madeiras de pinho e castanho

VENDEM:

Carvalho, Moreira & C.ª, L.ª

V.ª N.ª DE FANALICAO

Interdição

Peio juizo de Direito desta comarca de Guimarães e cartorio do 4.º officio, por sentença de 11 do corrente mês, foi declarada interdita da administração geral de seus bens, por prodigalidade, Sofia dos Prazeres e Silva, que tambem usa o nome de Sofia dos Prazeres e Silva Ribeiro de Faria, viuva, domestica, da rua de D. João 1.º, desta cidade, o que se faz publico para os efeitos legais.

Guimarães, 14 de Abril de 1921.

O escrivão interino,

José Maria Baptista Ribeiro.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Amadeu G. Guimarães.

SEITA TENEBROSA
15 EPISÓDIOS — 31 PARTES
POLICIAL